

DESCOBRER JOÃO	
-----------------------	--

DESCOBRER JOÃO:

Notas para o Líder

Dirigir os estudos Descubre João

Os estudos bíblicos Descubre foram criados para ajudar líderes e participantes a descobrir quem Jesus é através do estudo do texto do evangelho. Esta abordagem 'indutiva' significa que o líder não é tanto um professor como um guia, ajudando os participantes a interagir com o texto por si próprios. O cristão e o não-cristão devem sentir que estão a descobrir o texto de Jesus juntos. As perguntas neste estudo foram criadas para ajudar com isto.

Não é essencial insistir que os participantes ofereçam sempre respostas teológicas perfeitas. Em vez disso, devemos confiar no Espírito para trabalhar através do texto. Acreditamos que desta forma ele abrirá os corações das pessoas à medida que descobrem a verdade, a bondade e a beleza de quem Jesus é e do que ele fez por elas.

Como devemos preparar-nos? Não limitem a vossa preparação à leitura destas notas! Leiam e releiam a passagem do evangelho primeiro. Levem o tempo que for preciso e orem para que o Espírito de Deus vos ajude a compreender o texto. As passagens de João são bastante longas, por isso leiam com cuidado, e com imaginação, dando tempo para reparar nos detalhes. As passagens registam encontros que Jesus teve com pessoas de carne e osso. Ponham-se no seu lugar — o que sentiriam elas? Em que estariam a pensar? O que vemos sobre Jesus quando ele interage com outras pessoas? Temos de tentar chegar ao significado do texto pretendido pelo autor. Mas isto não significa despir o texto até ser um conjunto de afirmações racionais, sacrificando o encontro humano real.

À medida que leem, anotem qualquer pergunta que tenham ou que achem que os participantes poderão ter sobre a passagem. Isso vai ajudar-vos a prepararem-se

para responder às perguntas deles no estudo. Depois leiam as perguntas feitas no manual. Tentem pensar em formas alternativas de fazer as perguntas caso os participantes pareçam confusos ou perplexos. Tenham à mão perguntas suplementares que possam clarificar o significado do texto. Só depois da oração, da leitura e releitura da passagem, e de responderem às perguntas do estudo, é que podem usar este guia para líderes. O objetivo deste guia é ajudar-nos a compreender a passagem com mais clareza. Estas notas não são prescritivas e não devem ser usadas dessa forma. Lembrem-se que estamos a tentar ajudar os participantes a envolver-se com o texto por eles próprios.

Quando estiverem a fazer os estudos do Descobre João, poderá ser útil perguntar aos participantes o que estão a pensar. Perguntas como “Que tipo de pessoa te parece Jesus?”, “Tens perguntas até aqui?”, “O que achas dos estudos até agora?” poderão ajudar. A última pergunta do último estudo é se há alguma coisa que poderá estar a impedir os participantes de receberem vida no nome de Jesus. Façam-lhes esta pergunta e orem com eles para que recebam a salvação. Há uma oração que podem usar na página 124 do Descobre João. O Descobre tem como objetivo ajudar cristãos a levar os nossos amigos à fé em Jesus.

Acima de tudo, orem pelos participantes durante os estudos, e orem para que eles gostem de descobrir Jesus em toda a sua graça e verdade no processo.

Estudo 1: Um sinal do que está para vir... (João 20:30-31 e João 2:1-11)

Propósito

Mostrar que a vida que Jesus traz, contrariamente à opinião da maioria na era moderna, é uma vida cheia de alegria. O milagre em Caná tem implicações para a identidade de Jesus — será ele mais do que um professor religioso?

Nota geral

João mencionou que Jesus fez muitos sinais milagrosos, mas escolheu registrar apenas sete. O propósito principal de um ‘sinal’ era apontar para alguma coisa maior. Os discípulos perceberam que havia mais do que aparentava no milagre de Jesus do que simplesmente fornecer vinho extra. Eles viram a glória dele, qualquer coisa das suas qualidades divinas, e acreditaram nele.

Notas para o Líder

A pergunta de introdução tem como objetivo abrir uma discussão acerca do que as pessoas pensam sobre a possibilidade da existência de Deus. Toda a gente que vem a um estudo Descubra terá ideias sobre a existência de Deus, o seu caráter e o efeito que a fé poderá nas suas vidas. Tentem falar sobre as opiniões pessoais de cada um sobre o assunto. Se Deus existe, que reservas poderão eles ter sobre a sua presença nas suas vidas?

1. O propósito de João ao escrever o seu evangelho era apresentar provas que demonstrassem que Jesus era, e é, o Filho eterno de Deus e o Messias. “Messias” é a palavra hebraica para a palavra grega “Cristo” (ambas querem dizer “ungido”). No Velho Testamento, reis e sacerdotes eram ungidos com óleo antes de começarem o seu serviço a Deus.

A expectativa judaica era que Deus enviaria um servo especial (ou Messias) para restaurar a situação do seu povo. João descreve também Jesus como o Filho de Deus — alguém que partilha a natureza divina do Pai (ver, p. ex., João 10:37-38). João queria convencer-nos de que Jesus é divino e de que foi escolhido para a tarefa específica de salvar o seu povo.

Poderão querer abordar a questão da imparcialidade aqui. O facto de João estar a escrever da perspectiva de um cristão levanta questões sobre o rigor do seu relato? O facto de João ser um cristão não significa que o seu relato não seja factual. Dizer que as histórias de milagres não podem ser eventos históricos indica um viés anti-sobrenatural no leitor. Ninguém é um observador completamente neutro.

2. Deem a toda a gente oportunidade de refletir sobre porque pensam o que pensam sobre Jesus, e se têm boas razões para as conclusões que tiraram.

3. Esta festa de casamento teria acontecido na casa do noivo e podia durar até um semana. Ficar sem vinho não nos parece desastroso, mas na cultura do Médio Oriente, a hospitalidade é considerada um dever sagrado, até hoje. Para o noivo, a vergonha de não demonstrar hospitalidade no seu próprio casamento teria sido profunda. Tentem ajudar os participantes a sentir esta tensão e a imaginar os medos dele. Como iria ele recuperar da vergonha? Um escândalo deste género nunca seria esquecido numa cidade pequena como Caná. O noivo ficaria para sempre conhecido como “o tipo que nem sequer conseguiu abastecer o seu próprio banquete de casamento”.

4. Pensem sobre os vários convidados no casamento e em como isto os afetaria. Como se sentiria a noiva ao ver o seu novo marido falhar um dever sagrado? Como se sentiria a sua família?

5. Jesus agiu de forma incrivelmente gentil. Ele tinha noção de que a sua vida tinha um destino específico (como se vê nos seus comentários sobre a “hora” dele, que chegaria na cruz; ver João 12:23-25, 27-28, 31-33). Mas deu-se ao trabalho de ajudar este casal. Ele não julgou o noivo por falhar o seu dever, mas preocupou-se com a vergonha deles. Vendo a sua necessidade desesperada, salvou-os da desgraça e trouxe-lhes honra. O vinho é de tão grande qualidade que o noivo foi elogiado em vez de desgraçado. Jesus fez tudo isto sem afastar as atenções do noivo e da noiva.

6. O mestre de cerimónias descreveu-o como “o melhor” vinho, vinho da maior qualidade, e havia litros dele. As pessoas presentes nunca esqueceriam o casamento por causa da generosidade do seu anfitrião.

7. O mestre de cerimónias estava maravilhado com a generosidade do noivo. A maioria dos anfitriões aproveitava-se do facto de as pessoas beberem de mais em celebrações destas, e por isso guardava o vinho barato para o fim. Era provável que agora o casamento fosse lembrado por todas as razões certas. Jesus salvou o noivo de uma desgraça que o teria assombrado para o resto da vida. Agora ele e a sua nova mulher seriam sempre lembrados pelo seu extraordinário banquete de casamento. Escusado será dizer que teriam sentido uma gratidão profunda pelo que Jesus fez por eles.

8. João menciona que havia seis vasilhas de pedra, um detalhe extra que sugere que estaria a dar-nos o seu testemunho ocular. Usar a água destas vasilhas de pedra é significativo. João relata no versículo 6 que a água nas vasilhas era usada para os rituais de limpeza ordenados no Judaísmo. O Judaísmo envolvia um conjunto complexo de rituais que salientavam a necessidade de pureza moral perante Deus, uma vez que Deus era considerado moralmente perfeito. Estes rituais de limpeza simbolizavam a pureza moral necessária para chegar perto de Deus, e serviam como uma lembrança constante da nossa culpa perante ele. Ao transformar a água nestas vasilhas em vinho da melhor qualidade, Jesus estava a dizer que nos trazia alguma coisa muito melhor, alguma

coisa que trazia alegria interior em vez de uma lembrança contínua da nossa impureza e culpa perante Deus.

9. Isaías disse que, quando Deus viesse à Terra, daria um banquete para todos os povos, que incluiria o melhor vinho. Ele acabaria com a morte. Ele lidaria com as nossas lágrimas e eliminaria a nossa vergonha.

10. Jesus acabou de providenciar grandes quantidades de vinho da melhor qualidade. Ao fazê-lo, salvou um casal de uma terrível desgraça. Viria Jesus cumprir a promessa de Isaías 25? Seria ele Deus na Terra em carne e osso? Seria ele o tão esperado Messias, aquele que eliminaria a nossa culpa e a morte para sempre?

No versículo 11, João registou que os discípulos de Jesus viram algo mais no que aconteceu no casamento: viram a glória de Jesus no que ele fez. Assim sendo, o milagre funcionou como um “sinal” que apontava para algo maior. Neste caso, um sinal de que Jesus era divino. Glória é a luz visível da presença de Deus, e é um tema comum no Velho Testamento (ver, p. ex., Êxodo 40).

Ao testemunhar este milagre, os discípulos viram mais: viram que Jesus era Deus com eles.

O que significa isto para nós?

Tentem ajudar os participantes a ver que este primeiro evento semi-público na vida de Jesus sinaliza que ele vem trazer-nos vidas ricas, alegres e abundantes, em vez de as diminuir. Em vez de trazer culpa (frequentemente associada à religião), Jesus veio eliminar a nossa vergonha. Isto sugere que vale a pena, pelo menos, ouvi-lo. Este primeiro incidente também sugere que Jesus é mais do que um professor moral ou um líder religioso; claramente, os seus seguidores viram mais do que isso no que ele fez.

Estudo 2: Costumas vir aqui? (João 4:1-28)

Propósito

Mostrar que Jesus oferece vida a todos, independentemente de quem são ou do que fizeram. Esta vida satisfaz-nos até ao mais fundo do nosso ser, e por toda a eternidade. A vida que Jesus oferece é recebida quando pomos de lado uma vida sem ele e começamos a segui-lo.

Nota geral

No estudo 1, vimos que, ao eliminar a nossa vergonha, Jesus traz alegria. Vemos agora este tema a desenrolar-se na vida de uma mulher samaritana.

É importante sublinhar a importância do conceito de sede neste estudo. Sede é uma metáfora para separação de Deus no evangelho de João (ver também João 7:37-39). Esta é a sede que Jesus satisfaz. Isto também é importante no estudo 5 quando Jesus diz da cruz “Tenho sede” (João 19:28). Naquele momento, Jesus está a sentir-se separado de Deus. Referirmo-nos a esta metáfora agora prepara os participantes para perceber o que está a acontecer na cruz quando Jesus morre.

O texto mencionado na secção do contexto histórico é Sabedoria de Sirac 42:14, um trabalho de ensinamentos judaicos éticos escrito entre 200 e 175 BC.

Notas para o Líder

Zadie Smith é uma escritora inglesa. O seu livro mais famoso é “White Teeth” (Dentes Brancos), que ela terminou durante o seu último ano na faculdade.

1. Ir ao poço buscar água no calor do dia, e sozinha, sugere que se passava alguma coisa fora do comum. A sexta hora era o meio-dia (considerava-se que o dia começava de madrugada, às seis da manhã). Era mais provável que as mulheres fossem buscar água em grupos, para sua proteção, e que preferissem apanhar a temperatura mais fresca da brisa da manhã ou da noite (ver Gênesis 24:11, 1 Samuel 9:11). Encorajem os participantes a especular sobre a razão pela qual a mulher samaritana ia buscar água sozinha a esta hora do dia, mas tentem não revelar o motivo ao referir os versículos 17-18, que sugerem a razão verdadeira.

2. Jesus estava claramente com calor, cansado e com sede, e poderia ter estado a andar desde madrugada. Não era uma figura vaga e efêmera, mas era (e é!) totalmente humano. A mulher expressou surpresa por ele lhe pedir uma bebida porque os judeus religiosos não se associavam sozinhos com uma mulher num lugar público, e por causa da tensão racial extrema que existia entre judeus e samaritanos.

Ao falar com a mulher, Jesus atravessou séculos de preconceitos antigos baseados em raça, religião e gênero. Ele estava disposto a fazer isso porque a amava e queria que ela recebesse “o que Deus tem para dar”. Ele recusou vê-la como uma mulher samaritana “impura”.

O contexto desta tensão racial começou em 721 b. C., quando o Império Assírio invadiu o norte de Israel. Os assírios deportaram a maioria dos judeus e moveram outros povos conquistados para os antigos territórios judeus. Os judeus nativos que permaneceram casaram com os gentios recolocados, produzindo um povo de raça mista que se tornou conhecido como os samaritanos. Além de já não serem considerados etnicamente judeus, os seus vizinhos consideravam a religião dos samaritanos herege.

Além de aceitarem apenas os primeiros cinco livros do Velho Testamento, os samaritanos tinham adotado algumas práticas pagãs. Consideravam o templo judaico em Jerusalém um centro de falsa ado-

ração, chegando ao ponto de profanar espalhando ossos humanos ao longo do templo em 6 A.D. Não é surpreendente, por isso, que fosse comum os judeus viajarem de e para Jerusalém pelo caminho mais longo, evitando Samaria.

3. Jesus ofereceu à mulher “água viva”. Dada a intensidade do clima seco da Palestina, esta é uma imagem vívida para Jesus usar. Jeremias descreveu o próprio Deus como a “fonte de água viva” (Jeremias 17:13) e Isaías descreveu um futuro de pessoas a irem, com alegria, buscar água às fontes de salvação (Isaías 12:3). Jesus iria tornar claro que esta água viva é a presença do Espírito Santo na vida de cada pessoa que acredita (ver João 7:37-39).

Chamem a atenção para o contraste entre o que Jesus oferece e a água física no versículo 14. “Água viva” significa que nunca mais teremos sede. O que Jesus oferece transborda. Ele fala de uma mudança profunda em nós que satisfaz a nossa sede. Esta água viva traz-nos vida eterna. Em João, vida eterna significa conhecer Deus, uma vida que perdura para sempre (João 17:3). Isto não é qualquer coisa que tiramos de um poço pelo nosso próprio esforço. Vida eterna é o presente eterno de Deus que Jesus traz àqueles que acreditam nele (ver versículo 10). Portanto, o significado escondido sugerido por Jesus é que ele oferece à mulher uma satisfação profunda, duradoura e eterna.

Jesus está a falar metaforicamente sobre conhecer Deus. Nós temos sede, isto é, não conhecemos Deus e estamos afastados dele. Tentamos satisfazer esta sede mas falhamos; como quem tira água de um poço todos os dias, as nossas tentativas de encontrar satisfação não duram. Jesus veio a este mundo acabar com a nossa sede ao acabar com a nossa alienação de Deus.

4. É difícil dizer como a mulher reagiu ao que Jesus lhe estava a oferecer. Estava a ser cética, sarcástica ou a meter-se com ele? Estava interessada no que Jesus estava a oferecer? Ou pura e simplesmente confusa? Explore as várias possibilidades. Nalgumas traduções, perce-

be-se que a forma de tratamento que ela usou com Jesus era respeitosa. O versículo 11 sugere que ela estava a pensar em termos materiais. O versículo 15 sugere que não é provável que ela percebesse o verdadeiro significado do que Jesus estava a dizer. Talvez ela estivesse intrigada; poderia Jesus conhecer uma fonte de água alternativa que lhe tornasse a vida mais fácil?

5. Ela pode ter respondido a Jesus com uma meia-verdade para mudar de conversa. Tendo tido cinco maridos, ela vivia agora com outro homem, algo que era considerado imoral na sua cultura. Só havia vergonha e desgraça para ela se Jesus cavasse mais fundo o seu passado relacional/sexual. A sua meia-verdade permitia-lhe agarrar-se a uma sombra de respeitabilidade.

6. Provavelmente, ela ia buscar água sozinha ao sol do meio-dia porque as outras mulheres da vila não queriam associar-se com ela, uma “pecadora”. Não é difícil imaginar que as outras mulheres a tivessem tratado com desprezo e desdém; mas, em contraste, Jesus tratou-a com amor, compaixão, dignidade e respeito.

7. Ela devia sentir profunda vergonha ao ser exposta desta forma. Por isso, porque é que Jesus dirigiu a conversa para os seus relacionamentos? Jesus queria que ela visse a ligação entre a sua “sede” e o seu historial de passar de um homem para outro. Ela estava a tentar encontrar satisfação nesses relacionamentos e isso não estava a funcionar, deixando-a vazia, sozinha e envergonhada. Jesus estava gentilmente a ajudá-la a ver isto, a encarar a realidade do seu vazio e assim virar-se para ele e encontrar verdadeira satisfação, água viva.

8. Os discípulos ficaram mais do que surpreendidos: ficaram chocados ao encontrar Jesus a falar com uma mulher sozinha — e uma samaritana! João registou as perguntas que sussurravam entre eles, mas que não tinham coragem de fazer diretamente a Jesus. A pergunta que queriam fazer à mulher, “O que procuras?”, sugere suspeita ou desdém. Conseguiam ver o tipo de mulher que ela era ao olhar para ela?

A pergunta que tinham para Jesus, “Porque estás a falar com ela?”, sugere incredulidade. Na melhor das hipóteses, estariam a perguntar-se que benefício poderia haver em falar com uma mulher samaritana; na pior das hipóteses, estariam a perguntar-se porque Jesus se associaria (do seu ponto de vista) com uma mulher tão imoral.

9. A mulher foi buscar água ao poço ao meio-dia. Agora, tinha deixado o cântaro para trás, com a mente cheia das possibilidades que Jesus acabou de lhe mostrar: “Não será este o Messias?”. Posso encontrar satisfação nele? Posso conhecer Deus como pai e adorá-lo no meu coração? Dado o seu passado, as suas palavras são surpreendentes — “Venham ver um homem que me disse tudo o que eu fiz”. Ela já não trazia consigo vergonha do seu passado. Talvez estivesse a começar a ver que Jesus era realmente o caminho para uma satisfação duradoura. Tal como vimos no estudo 1, Jesus livrou-a da vergonha e trouxe-lhe alegria.

10. Em pouco tempo, as pessoas da cidade acreditavam que ele era o salvador do mundo. Acreditaram com base no que a mulher disse e ao ouvir as próprias palavras de Jesus. Ficaram com a certeza de que ele não era um professor moral mas alguém que salva.

11. O que Deus tem para dar, ou a água viva do versículo 10, é uma relação íntima e pessoal com Deus como Pai. Jesus veio acabar com a nossa sede e separação de Deus. Só isto satisfaz.

O que significa isto para nós?

Há várias perguntas suplementares que poderão querer fazer nesta altura. A mulher parecia acreditar que a chave para a satisfação era estar com alguém. O que acham os participantes que lhes trará satisfação duradoura? Estão conscientes de uma falta de satisfação nas suas vidas? Acham Jesus e o que ele oferece apelativo? Se os participantes acreditarem num Deus, já consideraram a possibilidade de ele poder ser conhecido intimamente, pessoalmente, como um Pai?

Estudo 3: Fé cega (João 9:1-41)

Propósito

Demonstrar que Jesus apresentou provas claras de que era o Filho de Deus, não apenas um mestre moral/religioso. Estas provas suscitam dois tipos de resposta. O homem cego vê física e espiritualmente, adorando Jesus no final do capítulo. Os fariseus, que pensam que veem, recusam-se a acreditar apesar das provas, estando, portanto, cegos.

Nota geral

No nosso último estudo, muitos samaritanos acreditaram que Jesus era o salvador do mundo. Mas a identidade de Jesus estava a causar controvérsia. No capítulo 7, ele tinha ido a Jerusalém para celebrar duas das festas anuais judaicas. Os eventos do capítulo 9 têm lugar depois de um confronto com os líderes judeus no qual Jesus se afirmou eterno e igual a Deus (João 8:57-59), levando-os a tentar apedrejá-lo até à morte por blasfémia.

Ao sair do templo no sábado, Jesus passou por um homem cego a mendigar. O facto de Jesus o curar num sábado gerou nova controvérsia. Ele era agora visto como um desrespeitador do sábado. Como podia vir de Deus se ignorava o que era considerado a lei de Deus?

Notas para o Líder

Esta pergunta tem como objetivo iniciar uma discussão sobre a relação entre provas, pensamento racional e fé. Céticos como o Richard Dawkins (a citação é retirada de uma aula sem título dada no Edinburgh Science Festival em 1992) defendem que, na melhor das hipóteses, a fé não se relaciona com provas; na pior das hipóteses, não desaparece mesmo quando as pessoas são confrontadas com provas em contrário. Como tal, a fé cristã é irracional, e os cristãos são muitas vezes acusados de

distorcerem a realidade para que ela se encaixe nas suas crenças. Para os cétricos, os cristãos acreditam em Deus porque desejam/precisam que haja um deus.

Há pelo menos duas questões a explorar nesta pergunta inicial. A primeira é se os participantes concordam ou não com Dawkins e até que ponto. A fé é irracional? Existe alguma prova para a crença? Os participantes alguma vez pensaram no assunto? Que tipo de provas da existência de Deus seriam convincentes e porquê?

A segunda diz respeito ao facto de sermos todos capazes de escolher os “factos” que melhor encaixam naquilo que, bem lá no fundo, queremos acreditar que é verdade. Poderá isto aplicar-se da mesma forma a cétricos que talvez descartem boas provas pelo facto de não se encaixarem nas suas crenças?

Nesta passagem, vemos um exemplo surpreendente de um grupo a tentar desesperadamente ignorar as provas apresentadas por porem em causa as suas convicções prévias.

1. As palavras “Jesus encontrou no seu caminho” sugerem que o homem cego estava sentado num local público, à beira da estrada. O versículo 8 confirma que ele estava a mendigar. Em termos práticos, ele estaria dependente da ajuda de outros, concentrado apenas em sobreviver. De acordo com a opinião religiosa popular, a sua cegueira seria consequência, ou do seu próprio pecado, ou do pecado dos seus pais. Não podemos imaginar qual seria o impacto emocional disto, mas não é difícil calcular que ele teria uma opinião muito baixa de si próprio numa cultura que o valorizava tão pouco.

2. Ganhar visão deve ter sido como receber uma nova vida, um novo começo. Imaginar ver pela primeira vez na vida. Começar a ver deve ter sido avassalador para ele.

Enquanto caminhava em direção ao tanque de Siloé, talvez se sentisse estúpido e duvidoso: “Porque estou eu a fazer isto? Já tentei de tudo para restaurar a minha visão, porque estou eu a confiar nas palavras de um desconhecido que me cobriu os olhos de lodo?” Ou talvez se tenha lembrado de que, no Velho Testamento, Deus criou os seres humanos a partir do pó (Génesis 2:7). Poderia estar Jesus a criar olhos que funcionavam?

3. O milagre de dar a alguém visão, trazendo-a da escuridão para a luz, é uma “parábola encenada” daquilo que Jesus veio fazer pelo mundo. As pessoas estão na escuridão (tal como o homem cego) porque estão separadas de Deus e vivem sem qualquer referência dele, construindo a sua identidade com base noutra pessoa ou noutra coisa (ver João 3:19-21). Jesus veio para restaurar a nossa relação com Deus. Esta é a luz que Jesus veio trazer, ilustrada pelo homem cego que passa a ver.

4. João foca-se no espanto dos vizinhos do homem. O que tinha acontecido era tão incrível que eles achavam difícil de aceitar. O homem até teve de dizer “Sou eu, sou!” (ver versículo 9). Talvez o tenham levado aos fariseus para confirmarem que Deus tinha feito uma coisa tão incrível (ver versículos 31-32).

5. Os fariseus não negaram a cura; a sua atenção voltou-se para Jesus, para a hipótese de ele ser “um homem de Deus”. Não havia consenso. Alguns pensavam que Jesus não podia ser de Deus e que devia ser um “pecador” porque curou num sábado, o que, para eles, era infringir a lei de Deus. Na sua tradição (não no Velho Testamento), curar era considerado “trabalho” e, portanto, não era permitido num sábado, a não ser em caso de vida ou morte. Outros pensavam que, se Jesus tinha feito um milagre tão incrível, tinha de ser de Deus. Reparem na atitude deles para com o homem que antes era cego — não demonstraram qualquer tipo de preocupação por ele nem se alegraram com a sua cura.

6. Os fariseus não conseguiam acreditar que o homem tivesse sido curado. Afinal, apenas Deus poderia fazer tal coisa (versículo 18). Mas Deus não iria infringir a sua própria lei. Os pais do homem foram então

chamados para comprovar a sua conclusão: ele não podia ter nascido cego. Os pais confirmaram que ele era filho deles e que tinha nascido cego. Tinham medo. A sinagoga era o centro da vida comunitária e religiosa. Serem expulsos significaria viverem marginalizados.

O versículo 22 diz que os fariseus já se tinham decidido relativamente a Jesus. Fosse quais fossem as provas apresentadas, ele não podia ser o Messias. Estavam por isso decididos a difamá-lo e a qualquer pessoa que discordasse deles, em vez de verem a verdade.

7. Eles já se tinham decidido quanto a Jesus — ele não podia ser Deus, por isso devia ser um pecador. Talvez tenham pedido ao homem para contar de novo o relato da sua cura (ver versículo 15) na esperança de que ele se contradissesse e pudessem acusá-lo de ser falsa testemunha. O homem assumiu que os fariseus estivessem abertos a acreditar em Jesus.

Mas em vez disso, na sua resposta, eles procuraram desacreditá-lo. Aquilo que Jesus fizera (na opinião deles) não era consistente com a lei dada a Moisés por Deus. Moisés era de qualidade aprovada; ele tinha recebido a lei de Deus. Mas Jesus — eles nem sabiam de onde ele vinha. Por isso, recusavam-se a acreditar que ele vinha de Deus. Embora o homem cego fosse uma testemunha fiável e os seus vizinhos e pais confirmassem a história, Jesus não encaixava nas suas ideias pré-concebidas. Por fim, decidiram insultar o homem, ridicularizando-o (versículo 28), insultando-o e expulsando-o (versículo 34).

8. O homem respondeu-lhes com lógica. Jesus tinha-lhe aberto os olhos; isto era um milagre da criação, algo que apenas Deus era capaz de fazer. Deus ouvia aqueles que o honravam e respondia às suas orações. Assim, tal como o versículo 33 afirma, Jesus tinha de vir de Deus. Os fariseus ficaram ultrajados; até se esqueceram das Escrituras nas quais acreditavam. Isaías previu um tempo em que o próprio Deus visitaria a terra (estudo 1); em Isaías 35:1-7, Deus promete restaurar a visão aos cegos.

9. Por ter sido expulso da Sinagoga, o homem estava agora ainda mais marginalizado da sociedade do que antes. Jesus preocupava-se com ele, mas também queria levá-lo à fé. O título “Filho do Homem” vem de Daniel 7, onde uma pessoa, claramente humana, possui as características do próprio Deus. Jesus identificou-se como sendo o homem que o curou e convidou-o a crer nele. O homem que antes era cego agora via Jesus, e louvou-o. Culturalmente, isto é surpreendente, porque os judeus acreditavam que apenas Deus era digno de louvor.

10. No versículo 11, ele descreveu Jesus simplesmente como “aquele homem”. No versículo 17, descreveu-o como um profeta, alguém enviado por Deus. Por fim, no versículo 38, o homem acreditava que Jesus era divino e louvou-o. De cada vez que pedem ao homem para repetir o seu relato, a sua compreensão do que lhe sucedera e de quem Jesus era parece crescer, ao ponto em que ele confessa que Jesus é divino.

11. Os fariseus diziam que “veem”, isto é, pensavam que compreendiam a verdade sobre Deus. Mas a sua rejeição de Jesus demonstra que eram cegos. Eles eram culpados porque, ao alegarem ver, estavam de facto a rejeitar o Messias de Deus, a luz do mundo.

O que significa isto para nós?

Tendo visto Jesus dizer que era a luz do mundo e ser adorado por outra pessoa, o que pensam os participantes da lógica de C. S. Lewis? Serão estas as ações de um bom mestre? Será Jesus louco, mentiroso ou possuído por um demónio? Vejam de que forma as suas opiniões sobre Jesus mudaram (se o tiverem feito) desde o início do Descubrir. Comecem a explorar o método de João. Ele apresenta-nos provas de que Jesus é mais do que um homem; ele faz o trabalho de Deus (nesse caso, dando visão a um homem cego). Tentem descobrir que provas seriam necessárias para que os participantes cressem. É possível que estejamos tão apegados a conjunto específico de crenças fundamentais que, tal como os fariseus, estejamos cegos para o que está a acontecer?

Estudo 4: A última caminhada (João 11:1-46)

Propósito

Mostrar que podemos confiar na afirmação de Jesus de que ele pode dar vida eterna, como ele mostra ao ressuscitar Lázaro dos mortos. Este milagre demonstra a sua divindade, visto que é Deus que dá vida aos seres humanos.

Nota geral

Pouco tempo depois de ter curado um homem cego, Jesus foi novamente envolvido em controvérsia. No capítulo 10, os líderes dos judeus tentaram matá-lo por blasfémia. Jesus defendeu que as suas obras, por serem coisas que apenas Deus podia fazer, demonstravam que ele era o mesmo ser que Deus. Os judeus perceberam claramente o que Jesus queria dizer, e tentaram apedrejá-lo, uma vez que “sendo tu apenas um homem estás a fazer-te passar por Deus” (ver João 10:29-39).

Jesus escapou à sua tentativa de assassinato e saiu de Jerusalém e da Judeia (10:40-42). Após receber a notícia da doença de Lázaro, Jesus esperou dois dias até saber (provavelmente de forma sobrenatural) que Lázaro estava morto. Regressou então à Betânia e fez um milagre que, se for verdade, mostra sem sombra de dúvida que as suas obras apontam para a sua divindade. O facto de Lázaro estar morto há quatro dias é relevante, porque os judeus daquela altura acreditavam que o espírito deixava o corpo três dias após a morte. Não podia haver dúvidas de que Lázaro estava morto e que Jesus lhe deu vida.

Notas para o Líder

Esta pergunta de introdução dá-nos oportunidade de explorar o tema da morte com os participantes.

1. Jesus amava Lázaro e amava as suas irmãs Marta e Maria. É provável que elas tivessem mandado chamar Jesus quando Lázaro estava doente (ver versículo 3) por saberem que Jesus tinha poder para curar.

2. Uma vez que Jesus amava tanto esta família, é surpreendente que ele tenha esperado dois dias em vez de partir imediatamente ao seu encontro. Os discípulos tinham medo de voltar à Judeia (Betânia ficava a cerca de três quilómetros de Jerusalém), porque, por esta altura, os líderes dos judeus já tinham tentado matar Jesus três vezes (5:18, 8:59, 10:31 — todas as vezes que Jesus afirmara ser igual a Deus).

3. Parece que Jesus esperou dois dias, até saber que Lázaro estava morto (versículos 6, 11 e 14). Não sabemos como ele o soube; talvez lhe tenha sido revelado por Deus. Os discípulos interpretaram as palavras de Jesus de forma literal, assumindo que Lázaro estava a dormir. Essa não podia ser uma boa razão para voltar à Judeia, onde Jesus seria provavelmente ameaçado de novo. Tomé concluiu que o regresso a Jerusalém iria certamente levar à morte de Jesus e, provavelmente, à dos seus seguidores com ele. Era uma situação desesperante. Não havia esperança para Lázaro, agora que ele estava morto, e parecia não haver esperança para Jesus nem para os seus seguidores.

4. Jesus não estava a ser indiferente ou insensível nos seus comentários. Ele parecia ter-se mantido longe da Betânia deliberadamente, para que a doença de Lázaro percorresse o seu rumo. Ela iria fornecer a Jesus uma oportunidade de revelar quem ele é. O que ele estava prestes a fazer iria revelar a sua glória, o seu esplendor, algo que ele tinha em comum com o seu Pai. Os discípulos iriam ver a manifestação visível de Deus naquilo que ele ia fazer, e depositariam a sua fé nele.

5. Era costume enterrar o corpo no dia da morte. Seguiam-se trinta dias de luto, sendo os primeiros sete assinalados por demonstrações dramáticas de sofrimento. Era uma obrigação da cultura judaica consolar amigos e família, o que explica o porquê de tantos judeus terem feito a pequena viagem de Jerusalém até à Betânia (versículo 19). Ao chegar à casa de Marta e Maria, Jesus terá encontrado uma multidão de luto (ver versículo 33).

As próprias irmãs deviam estar desoladas com a perda do seu irmão. Lázaro é o único homem da casa mencionado, sendo provável que fosse ele o provedor e protetor da família.

É possível que as irmãs estivessem confusas: porque é que Jesus estava a demorar? Os versículos 35-36 sugerem que a cura do homem cego era bastante conhecida. Agora já não havia esperança. João 11:39-40 sugere que a última coisa de que Marta estava à espera era que Jesus pudesse trazer Lázaro novamente à vida. Tal como a irmã, Maria está magoada. Quando Marta soube que Jesus estava presente, correu ao seu encontro, não com confiança, mas com mágoa. Nos versículos 21 e 31, as irmãs disseram praticamente a mesma coisa: se Jesus tivesse lá estado, Lázaro não teria morrido.

6. Marta acreditava numa ressurreição dos mortos no fim dos tempos, quando judeus fiéis iriam ressuscitar e desfrutar de uma vida eterna. Esta era a visão da maioria dos judeus da altura. Jesus confirmou que a morte não é o fim. Mas depois, surpreendentemente, ele afirmou que a vida eterna dependia de crer nele pessoalmente. Era Jesus que ressuscitava os mortos e dava vida eterna. Todos os que cressem nele passariam pela morte para nunca mais morrer.

7. Maria estava a observar o costume de receber as pessoas de luto sentada na sua casa, e não sabia que Jesus lá estava. Ao ouvir que ele tinha chegado e que queria vê-la (talvez Jesus tivesse permanecido nos arredores da cidade para evitar controvérsias), confrontou-o com a sua mágoa e desespero: se ao menos Jesus tivesse lá estado! Agora era tarde de mais.

Reparem que Marta chama a Jesus “o Mestre”. Naquele tempo, os rabis recusavam-se a ensinar mulheres, mas a abordagem de Jesus era diferente.

Jesus respondeu comovendo-se profundamente com a mágoa de Maria, e chorando juntamente com ela. Ao fazê-lo, demonstrou profunda identificação e compaixão pelas pessoas na sua dor e angústia.

8. Jesus partilhou a tristeza dos seus amigos, mas fê-lo com um sentimento de ultraje. Ele estava ultrajado com a morte do seu amigo e a tristeza que via diante dos seus olhos. Doença, morte, desespero e desesperança são o resultado da rejeição de Deus por parte do ser humano. Por nos termos afastado de Deus, que é a fonte de toda a vida, passamos agora por estes intrusos dolorosos. Nunca foi suposto eles fazerem parte da vida do ser humano. Jesus está irado com a morte.

9. A multidão sabia que Jesus tinha curado o homem que nascera cego, mas não tinha qualquer expectativa de que ele pudesse fazer algo por Lázaro agora que ele estava morto há quatro dias. Marta também não tinha qualquer expectativa de que Jesus fizesse algo pelo seu irmão. Estava apenas preocupada com o mau cheiro provocado pelo seu corpo em decomposição.

10. Jesus assegurou Marta de que ela estava prestes a ver a glória de Deus, o transbordar da natureza de Deus, naquilo que Jesus estava prestes a fazer. Por isso é que ele não tinha vindo logo, para que pudesse demonstrar o seu poder sobre a morte. Ele ordenou a Lázaro que saísse. Prontamente, Lázaro saiu a cambalear do túmulo. Aquilo que Jesus dizia sobre ele próprio nos versículos 25-26 era digno de confiança. Ele era realmente aquele que tinha poder sobre a morte, e através da fé nele, uma pessoa passava da morte para a vida para sempre.

11. Este milagre era destinado àqueles que estavam a ver, para os ajudar a pôr a sua confiança e fé nele. No entanto, a ressurreição de Lázaro dividiu as pessoas presentes. Algumas acreditaram, mas outras ficaram do lado dos fariseus. Nunca haveria provas suficientes para convencer aqueles que já tinham decidido rejeitar Jesus. Em vez de responder com fé, acreditando que Jesus tinha poder sobre a morte, algumas pessoas ficaram ainda mais enraizadas na sua oposição. Elas

temiam a popularidade de Jesus, e o medo de uma intervenção romana justificava a sua vontade de o prender e condená-lo.

O que significa isto para nós?

É importante criar empatia pela dor, mágoa, compaixão e sofrimento profundos vividos por Jesus. Ele chorou junto ao túmulo do seu amigo. Se Jesus é divino, então isto sugere que Deus percebe a nossa dor e sente compaixão por nós. Ele não é distante e indiferente. Nem tenta afastar-se do nosso sofrimento. Pelo contrário, ele entra nessa dor. Embora o sofrimento nos deixe com muitas perguntas, este incidente assegura-nos de que Jesus se preocupa connosco e sente o nosso sofrimento.

Mas Jesus não se limita a criar empatia connosco. Ele entrou no mundo para lidar com a morte. A morte é a consequência da nossa rejeição do Deus que dá vida; é a nossa sentença, o nosso castigo. Jesus está profundamente irado pelo impacto que o pecado e a morte têm no mundo. É precisamente disto que Jesus veio tratar (como vimos no estudo 1). Ao termos fé em Jesus, podemos encontrar não apenas conforto, mas também esperança diante da morte. A forma como ele derrota a morte é explorada no próximo estudo.

Estudo 5: A grande troca (João 19:1-422)

Propósito

Mostrar que, por nos termos afastado de Deus e vivermos sem qualquer ligação a ele, nos separámos dele. Estamos na escuridão e só nos resta uma sede que não pode ser saciada. Vimos no capítulo 11 que a morte não fazia parte do plano inicial de Deus para a vida humana; pelo contrário, resulta da nossa rejeição do Deus que dá vida a todos. Mas, por amar o mundo, Deus tomou a iniciativa. Jesus Cristo entrou no mundo para nos livrar do nosso dilema. Neste estudo, vemos que Jesus faz precisamente isto, ao passar pela mesma separação de Deus e pela morte que nós merecemos, agindo como nosso substituto.

Nota geral

Ao longo do evangelho de João, Jesus é sujeito a pelo menos três tentativas de assassinato. O capítulo 11 culmina com a liderança judaica a conspirar uma última vez para o matar. Jesus saiu de Jerusalém, regressando algum tempo depois para a festa da Páscoa. Aí, foi traído por Judas Iscariotes, preso, interrogado pelas autoridades judaicas e declarado culpado de blasfémia (João 19:7). Elas levaram Jesus a ser julgado pelo governador romano, Pôncio Pilatos, o único que tinha autoridade para condenar Jesus à morte. Mas, à medida que os eventos se sucediam, era cada vez mais claro que Jesus não era uma simples vítima das circunstâncias. Jesus viu este episódio como o cumprimento da sua vida inteira, e ao morrer ele deu a salvação de Deus ao mundo.

Notas para o Líder

Alexander Solzhenitsyn (pronunciado Sol-zen-it-sin, 1918-2008) era um cristão russo e dissidente político que protestou contra os abusos da União Soviética. Depois da sua experiência nos campos soviéti-

cos de trabalho forçado, ele chegou à conclusão de que as pessoas não podiam ser classificadas simplesmente como “boas” ou “más”. Todos estamos moralmente comprometidos, capazes tanto de bondade como de crueldade. Os participantes concordam ou discordam de Solzhenitsyn? Porquê?

A citação vem do livro de Solzhenitsyn, “The Gulag Archipelago” (O Arquipélago Gulag), a sua memória sobre a sua vida nos campos soviéticos de trabalho forçado.

1. Os soldados teriam dado a Jesus uma tarefa para pacificar os seus acusadores e garantir que ele não causava problemas. Gozaram com Jesus porque ele estava a ser acusado de se fazer rei, o que parecia ridículo. Jesus dizia que era rei, mas que o seu reino não era deste mundo (João 18:33- 37).

A coroa seria feita dos ramos de um arbusto de espinhos ou de uma tamareira. Os espinhos podiam ter até trinta centímetros de comprimento, causando cortes e dor consideráveis. O manto vermelho era provavelmente uma capa militar usada para fingir de manto real. A saudação dos soldados imitava a saudação de “Avé, César” que seria feita ao imperador romano.

2. Pilatos acreditava claramente que Jesus era inocente de qualquer crime (versículos 4 e 6). Vemos o seu sarcasmo impaciente ao dizer “crucifiquem-no vocês”, sabendo que só ele tinha autoridade para impor a pena de morte. Quando Pilatos disse “aqui está o homem”, no fim do versículo 5, estava efetivamente a dizer “olhem para este homem miserável! Acham que ele é culpado de liderar uma rebelião contra Roma?”. Jesus pareceria de facto miserável, coberto de sangue e feridas, com vestes reais fingidas.

3. Para Pilatos, a designação “Filho de Deus” seria significativa. Acreditava-se que “homens divinos” ou “heróis” eram resultado de ligações

sexuais entre os deuses romanos e mulheres humanas. Esses homens tinham poderes divinos. Pilatos pode ter pensado que, se Jesus era um filho dos deuses, poderia incorrer na sua ira por tê-lo mandado açoitar.

4. Embora Jesus estivesse a ponto de enfrentar uma morte incrivelmente cruel, parece ser Pilatos que tinha medo. A pergunta dele, “Donde és tu?” foi provavelmente motivada pela acusação de que Jesus dizia ser o Filho de Deus. Mas Jesus permaneceu em silêncio, recusando defender o seu caso e declarar a sua inocência. Jesus acreditava que era o Filho de Deus; ao submeter-se a Pilatos, o plano de Deus de crucificação para salvar o mundo fora posto em andamento (versículo 11). Deus estava no controlo e dera autoridade a Pilatos para cumprir o seu propósito. O homem culpado de maior pecado era provavelmente Caifás, o sumo sacerdote que deveria ter recebido Jesus como Messias mas o entregara a Pilatos (18:19-27).

5. Os líderes religiosos convenceram Pilatos ao ameaçar os seus interesses. Não ser amigo de César levantaria sérias dúvidas sobre a lealdade de Pilatos. Ele satisfez os acusadores de Jesus para proteger a sua posição política.

Quando os líderes religiosos disseram “não temos outro rei a não ser o imperador”, estavam a negar a confissão no centro da sua fé: que apenas Deus era o seu soberano. Uma das orações da Páscoa até incluía a frase “Não temos outro rei senão tu” em referência a Deus. Discutam a razão pela qual os líderes religiosos odiavam tanto Jesus que estavam dispostos a contradizer as suas próprias confissões religiosas para se livrarem dele.

6. Jesus já tinha sido chicoteado pelos soldados romanos. A seguir à sentença da crucificação, seguia-se uma segunda tortura. Este era o procedimento normal, chamado verberação, o pior chicotear de todos. A pessoa condenada era violentamente chicoteada com cordas de cabedal com pedaços de osso ou metal incrustados para rasgar a carne da vítima. Por vezes, as pessoas sujeitas a esta tortura morriam, enquanto

outras eram deixadas numa condição muito frágil, muitas vezes com os ossos expostos.

Torturado desta forma, com uma coroa de espinhos cravada na cabeça, Jesus seria uma figura patética a carregar o peso da trave de uma cruz pelas ruas de Jerusalém. Os outros evangelhos contam-nos que Jesus estava tão debilitado da tarefa que recebera, que um homem chamado Simão foi tirado da multidão e forçado a carregar a cruz por ele (Marcos 15:21).

7. A crucificação era uma morte repleta de horror e vergonha, infligida apenas a escravos, bandidos, prisioneiros de guerra e revolucionários. Um cidadão romano só podia ser crucificado com a aprovação do próprio Imperador.

Dor física atroz, tormento e humilhação públicos, combinados para fazer da crucificação a forma de morte mais horrível. Durante horas, a vítima estaria exposta ao calor do sol, nua para aumentar a humilhação. Para evitar sufocar, tinha de se empurrar para cima com as suas pernas e puxar com os braços para respirar, desencadeando uma dor horrível enquanto a sua carne rasgava contra os pregos.

Um anúncio com os crimes específicos da pessoa era pregado à cruz para desencorajar qualquer outra pessoa de cometer ofensa semelhante. É provável que Pilatos tenha escrito “rei dos judeus” para demonstrar que Jesus estava a ser crucificado por traição e também para enfurecer os líderes religiosos que o tinham pressionado a crucificar alguém que ele acreditava ser inocente. Aramaico era a língua mais usada na Palestina nesta altura. Latim era a língua oficial da lei romana, e grego a língua internacional.

Não é possível imaginar a dor e angústia que a mãe de Jesus e os seus seguidores estariam a sentir enquanto testemunhavam a sua morte. Claramente, esta morte, tão final e humilhante, significa o fim do mo-

vimento de Jesus. Como podia ele ser o salvador do mundo quando não conseguia salvar-se a si próprio? Como podia a sua declaração de que ele traz vida ao mundo ser verdade com ele morto?

8. Jesus tivera sempre consciência de que a sua vida estava a seguir um plano claro. No nosso primeiro estudo, ele falou sobre a sua hora. Jesus sabia agora que, na sua morte, tudo estava terminado. Ele tinha completado o trabalho que viera fazer.

Jesus disse “Tenho sede”. Ao longo dos nossos estudos em João, vimos que sede é uma metáfora-chave para a nossa separação de Deus causada pelo nosso pecado, uma separação que termina com morte. Jesus estava agora a sentir a separação de Deus que nós experimentamos. Mas porquê, se ele não cometeu pecado nenhum? Finalmente, Jesus disse “Tudo está cumprido”. Jesus escolheu o momento da sua morte, o momento em que se cumpriu o propósito dele, a razão pela qual ele viera. O Filho de Deus inocente estava a morrer no lugar dos seres humanos pecadores, a ser castigado no nosso lugar, a sofrer a separação de Deus e a morte que nós merecemos pela nossa rejeição de Deus. O plano de Deus de salvação no qual o seu Filho inocente seria punido no nosso lugar estava cumprido. A última frase de Jesus foi de triunfo, não de desespero.

Dois detalhes nos versículos 31-27 mostram que era evidente que Jesus tinha morrido. Para acelerar a morte, os soldados partiam as pernas dos condenados para que eles não conseguissem elevar-se na cruz para respirar. Isto não foi necessário no caso de Jesus porque ele já estava morto. Além disso, a emissão de sangue e água do peito sugere que o sangue se tinha separado do plasma, indicando que a morte já tinha ocorrido.

9. Isaías 53 descreve o sofrimento de alguém descrito como “o servo”. Isaías ansiava por aquele que sofreria e morreria, não pelos seus pecados, mas pelos pecados dos outros. Jesus estava inocente; ele não “seguiu o seu próprio caminho”, mas sempre obedeceu ao seu Pai. Je-

sus trocou-se por nós. Ele sofreu a morte e separação que merecíamos pela nossa rejeição de Deus. O castigo de Deus foi-lhe dado a ele, no nosso lugar, como nosso substituto.

10. Quando Jesus disse “Tudo está cumprido”, não era o queixume dos derrotados, mas o grito dos vitoriosos. Ele acabara de cumprir a salvação de Deus. Qualquer dívida que devíamos a Deus pelo mal que fazemos foi pago na totalidade por Jesus.

11. José de Arimateia e Nicodemos eram ambos membros do Sinédrio, o conselho dos judeus. Ambos parecem convencidos do que Jesus afirmava. João 3:1-16 e 8:40-52 descrevem a jornada de Nicodemos até à fé.

O que significa isto para nós?

Depois de estudar o capítulo, a questão-chave a explorar é — porque é que os participantes pensam que Jesus morreu? Ele foi declarado inocente; Pilatos deu-lhe oportunidade de sair dali. Mas ele parecia ver a sua morte como o plano de Deus (versículo 11) e o cumprir de tudo o que ele tinha vindo fazer (versículos 28-30). Jesus identificou-se com os marginalizados ao dizer “Tenho sede”. O que encaixa melhor com este facto? A citação de Isaías 53 explica o que Jesus estava a fazer — o inocente a carregar o castigo dos culpados, Jesus a receber os nossos pecados e a morrer no nosso lugar. Os participantes pensaram no que Keller diz, que a essência do Cristianismo não é o nosso esforço para sermos melhores e assim aceitáveis, mas a ação de Deus no nosso lugar, ao morrer por nós?

Estudo 6: Vê por ti mesmo (João 20:1-31)

Propósito

Mostrar algumas das provas para a ressurreição física de Jesus e encorajar os participantes a ver que o que João escreveu é suficiente para alguém pôr a sua fé em Jesus e segui-lo.

Nota geral

Nesta passagem, encontramos cinco cétricos do século I. Ninguém esperava que a ressurreição acontecesse. Como vimos, a crença popular no tempo de Jesus era que a ressurreição dos mortos só iria acontecer no fim dos tempos. Neste estudo, vemos estes cétricos a serem convencidos da ressurreição de Jesus, à medida que se deparam com várias provas. No fim deste estudo, Jesus declara que a fé não terá por base tê-lo visto. Ver é, na melhor das hipóteses, um caminho ambíguo para a fé neste capítulo. Isso significa que a fé é irracional? Um salto cego? Não, João antecipa que as pessoas acreditarão em Jesus por causa das provas que ele oferece neste evangelho. Aquilo que ele escreveu sobre Jesus deveria convencer-nos de que o que Jesus diz sobre si próprio e sobre a vida que ele oferece é verdade. Não é irracional, é fé baseada em provas.

Notas para o Líder

Esta pergunta tem como objetivo começar uma discussão sobre a razão pela qual algumas pessoas poderão ter resistência a mudar as suas crenças. Essas razões incluem: medo de como os outros irão reagir, irracionalidade, falta de abertura a outras possibilidades, e tendência para filtrar ou distorcer provas para encaixar em crenças existentes. Uma afirmação central do Cristianismo é que Jesus Cristo ressuscitou dos mortos. Podemos pedir aos participantes para imaginarem, por um

momento, que sabem que isto é verdade. Quão recetivos acham eles que estariam a esta verdade? De que provas precisariam para mudar de ideias?

1. Os discípulos deviam estar a sentir uma decepção esmagadora. Tinham posto todas as suas esperanças em Jesus. Agora, ele estava morto. Como vimos, aqueles que seguiam Jesus foram excluídos da sinagoga (João 9:22), o que significa que os discípulos enfrentavam, no mínimo, uma alienação da sua comunidade. Pior ainda, o versículo 19 sugere que eles temiam pelas suas vidas. O que tinha acontecido a Jesus podia acontecer-lhes a eles.

2. Jesus estava sepultado no túmulo de José de Arimateia. O túmulo era novo (João 19:41) e encontrava-se num jardim. Maria tinha visto Jesus ser posto no túmulo na véspera do sábado, uma sexta-feira, o dia da crucificação. Maria foi ao túmulo no primeiro dia da semana (domingo de manhã) para acabar de embalsamar o corpo, algo que não era permitido no sábado. Ela pensou que alguém deveria ter levado o corpo. Não lhe ocorreu que Jesus pudesse estar vivo.

3. As explicações possíveis para o desaparecimento do corpo são: a. Jesus não morreu na cruz, mas recobrou os sentidos no túmulo fresco e escapou; b. Alguém roubou o corpo, talvez os judeus ou os romanos, ou os próprios discípulos; c. O túmulo foi assaltado por ladrões de túmulos; d. Maria e os dois discípulos foram ao túmulo errado e assumiram que Jesus estava vivo.

4. O outro discípulo, aquele que Jesus amava (quase de certeza João), descreveu com detalhe as ligaduras deixadas no túmulo e o pano da cabeça dobrado, separado do resto dos tecidos. Ao ver isto, ele acreditou que Jesus tinha ressuscitado dos mortos. Para João, esta era a única explicação das provas. Se isto tivesse sido um assalto a um túmulo, era mais provável que as ligaduras e as especiarias tivessem sido levadas porque eram os conteúdos mais valiosos lá dentro. Se os judeus ou os oficiais romanos tivessem ordenado que o corpo fosse movido, não

teriam removido (e dobrado) as ligaduras. Se Jesus não tivesse morrido mas simplesmente desmaiado na cruz, esperar-se-iam indícios de uma luta no túmulo.

5. À entrada do túmulo, Maria estava profundamente perturbada. A ideia do corpo de Jesus ter sido roubado e abusado deve ter sido uma fonte de angústia. Ela não parecia minimamente aberta à possibilidade de Jesus estar vivo. No versículo 14, ela confundiu Jesus com o jardineiro, perguntando-lhe até onde o corpo poderia estar! As pessoas mortas ficam mortas — certo?

Maria só ficou convencida quando Jesus disse o seu nome. Só quando ele se dirigiu a ela pessoalmente, na voz que ela conhecia tão bem, é que ela percebeu que a pessoa à sua frente era Jesus.

6. Ainda cheio de compaixão, Jesus revelou-se em pessoa a Maria primeiro, confortando-a na sua angústia. Podemos ver quão feliz Maria estava; ela agarrou-se a ele (ver versículo 17), talvez para se assegurar de que não o perdia outra vez!

Podemos argumentar que o facto de ter sido Maria, uma mulher, a primeira a testemunhar a ressurreição física de Jesus, nos dá mais indícios da veracidade dos eventos e do rigor histórico do relato de João. Na altura, as mulheres não eram consideradas testemunhas fiáveis. Além disso, para que uma prova fosse aceite num tribunal judaico, eram necessárias duas testemunhas. Se este relato da vida de Jesus tivesse sido escrito por alguém que quisesse fazer a ressurreição de Jesus parecer mais plausível, é inconcebível que usassem uma mulher como primeira testemunha.

7. Era agora domingo à noite; os seguidores de Jesus estavam trancados numa casa, temendo o que lhes poderia acontecer. De repente, viram Jesus no meio deles. Podem ter pensado que estavam a ver o seu fantasma (já tinham pensado isto em João 6:19-20), ou talvez uma alucinação.

Jesus mostrou-lhes as feridas da sua crucificação. As cicatrizes provaram-lhes que a pessoa que tinham visto ser crucificada e morta três dias antes era a mesma pessoa à sua frente. Ele não era fantasma nenhum; o seu corpo, com as suas cicatrizes, era tangível. Perceber que Jesus tinha ressuscitado dos mortos encheu-os de alegria.

Nos versículos 21-23, Jesus falou do que os seus discípulos deviam fazer depois de ele regressar ao céu. O Pai enviou o Filho para salvar o mundo. Ele fez isto ao sofrer a nossa separação do seu Pai. Jesus envia depois os seus seguidores, ajudados pelo seu Espírito, para levar a sua mensagem de perdão ao mundo. Aqueles que recebem a mensagem de perdão serão perdoados, mas aqueles que recusarem a mensagem de Deus, que agiu para salvar o mundo na morte de Jesus, implicitamente não podem ser perdoados.

8. Tomás não estava presente quando Jesus apareceu aos discípulos na sua sala trancada. Ele respondeu à história sobre terem visto Jesus vivo com ceticismo considerável. Não acreditava só com base no que eles diziam que tinham visto. Ele precisava de ver por ele próprio. Mais uma vez, é claro que a ressurreição era a última coisa que os discípulos esperavam, e o próprio Tomás desvalorizou o relato dos discípulos, considerando-o ridículo.

9. Uma semana depois, continuava a não ser seguro para os discípulos, e eles continuavam escondidos. Jesus mostrou-se consciente das objeções de Tomás e convidou-o a fazer o que ele disse que seria necessário para que ele acreditasse. Jesus depois ordenou-lhe que acredite. Tomás não teve de tocar nas feridas de Jesus; vê-lo foi suficiente para o persuadir da ressurreição.

10. Tomás passou de cético a reconhecer que Jesus era divino. Jesus tinha estado tão obviamente morto, e agora estava vivo. Deus tinha prometido destruir a morte, remover a mortalha que nos envolvia. Foi isto que Jesus fez, e por isso ele devia ser Deus. Esta era uma confissão extraordinária para um judeu fazer, uma vez que os primeiros dois dos

Dez Mandamentos proíbem a adoração de qualquer outra coisa que não o Deus invisível.

11. Jesus não rejeitou a confissão de Tomás de que ele era Deus, mas aceitou-a. Claramente, Jesus estava confortável com ser descrito como Senhor e Deus.

12. Tentem estabelecer uma resposta a esta pergunta, que ver é só um tipo de prova, e que não é sempre viável. Maria viu Jesus mas não acreditou. João acreditou mas não viu Jesus — foi convencido por outras provas, as ligaduras. Os discípulos viram Jesus mas assumiram que ele era um fantasma. Não acreditaram até ele lhes mostrar as suas feridas.

É importante notar que Jesus disse a Tomás que ele devia ter acreditado com base nas provas que já tinha, o que os discípulos tinham visto e lhe tinham contado. Tomás não é um modelo de como alguém começa a acreditar: pelo contrário. Jesus diz que as pessoas acreditarão nele e gozarão das suas bênçãos no futuro, e que não será por tê-lo visto como Tomás (versículo 29).

Em João 20:30-31, João indicou que acreditar acontece com base nas provas. João acreditava que tinha fornecido provas suficientes no seu livro para nos convencer de que Jesus é o Filho de Deus e o salvador do mundo. A sua oferta de vida é algo que podemos receber e de que podemos desfrutar.

O que significa isto para nós?

Esta pergunta final dá-nos a oportunidade de convidar participantes a pôr a sua fé em Jesus como seu salvador, Senhor e Deus, tal como Tomás fez. Depois de a discutirem, poderão perguntar se os participantes gostariam de se tornar cristãos. Se quiserem fazê-lo, primeiro que tudo, façam uma oração simples com eles (uma oração deste género encontra-se na página 124 do livro Descubre: Evangelho de João).

Depois, certifiquem-se de que os levam à igreja e que continuam a estudar a Bíblia com eles. Podem descobrir mais estudos no website www.ivpbooks.com/uncover.

As dificuldades em acreditar tendem a dividir-se em duas categorias. Primeiro, os participantes podem ter dificuldade em acreditar numa coisa específica. Podem não estar convencidos de que Jesus é quem diz ser.

Tentem descobrir o que eles acharão particularmente difícil. Sugiram que continuem a encontrar-se para estudar.

Os participantes podem ainda não estar prontos para acreditar porque reconhecem que seguir Jesus implica uma mudança de vida radical para eles. Talvez tenham receio da reação de outras pessoas. Ajudem-nos a explorar o que estará a impedi-los de acreditar. Podem querer perguntar-lhes se já pensaram que conhecer Jesus é uma alegria maior do que aquilo que eles têm medo de perder, e que, numa perspetiva eterna, vale a pena seguir Jesus. Mais uma vez, continuem a encontrar-se para estudar juntos o Descobre João ou outros recursos.

